

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

EMILY BRONTË

Tradução: João Sette Camara



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural.

© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Wuthering Heights

Texto

Emily Brontë

Tradução

BR75 | João Sette Camara

Revisão

BR75 | Aline Canejo, Clarisse Cintra,
Silvia Rebello e Fernanda R. Braga Simon

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Texto publicado integralmente no livro *O Morro dos Ventos Uivantes*, em 2019,
na edição em brochura pelo selo Principis da Ciranda Cultural. (N.E.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B869m Brontë, Emily

O morro dos ventos uivantes / Emily Brontë ; traduzido por João Sette
Camara. - Jandira : Principis, 2021.
368 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial - LUXO)

Tradução de: *Wuthering Heights*
ISBN: 978-65-5552-419-2

1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Camara, João Sette. II. Título. III.
Série.

2021-1003

CDD 823

CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Capítulo 1	5	Capítulo 18	199
Capítulo 2	11	Capítulo 19	211
Capítulo 3	21	Capítulo 20	217
Capítulo 4	35	Capítulo 21	225
Capítulo 5	43	Capítulo 22	243
Capítulo 6	47	Capítulo 23	251
Capítulo 7	55	Capítulo 24	261
Capítulo 8	67	Capítulo 25	273
Capítulo 9	77	Capítulo 26	279
Capítulo 10	95	Capítulo 27	285
Capítulo 11	113	Capítulo 28	299
Capítulo 12	125	Capítulo 29	307
Capítulo 13	139	Capítulo 30	315
Capítulo 14	153	Capítulo 31	323
Capítulo 15	163	Capítulo 32	331
Capítulo 16	173	Capítulo 33	345
Capítulo 17	179	Capítulo 34	355

CAPÍTULO I

1801. Acabei de voltar de uma visita ao meu senhorio, o único vizinho com quem terei de me incomodar. Esta parte do interior é realmente bonita! Em toda a Inglaterra, não acredito que eu pudesse ter me instalado em um lugar tão deslocado por completo do alvoroço da vida em sociedade. É o paraíso perfeito para um misantropo, e o senhor Heathcliff e eu somos um par muito adequado para compartilhar a desolação. Um camarada excelente! Mal imaginava como meu coração havia simpatizado com ele quando vi seus olhos negros se recolher de modo desconfiado sob as sobrancelhas, conforme eu subia a cavalo, e como seus dedos, com ciosa determinação, afundavam-se mais ainda no colete à medida que eu anunciava meu nome.

– Senhor Heathcliff? – falei.

Um aceno com a cabeça foi a resposta.

– Senhor Lockwood, seu novo inquilino, senhor. Tenho a honra de vir falar com o senhor o mais cedo possível após a minha chegada, para expressar a esperança de que eu não lhe tenha importunado com a minha insistência em solicitar o aluguel da Granja de Thrushcross. Ontem ouvi dizer que o senhor tinha pensado...

– A granja de Thrushcross é de minha propriedade, senhor – interrompeu ele, encolhendo o corpo. – Eu jamais permitiria que alguém me importunasse, não se eu pudesse impedir... Entre!

O “entre!” foi dito entre dentes e exprimia o sentimento de “Vá para o inferno”. Nem a porteira em que ele se apoiava manifestou algum movimento de solidariedade com as palavras dele. Acho que as circunstâncias me fizeram aceitar o convite: fiquei intrigado com um homem que parecia mais exageradamente reservado do que eu.

Quando ele viu que meu cavalo estava empurrando a porteira com o peito, estendeu a mão para soltar a corrente que a trancava, e, em seguida, começou a subir na minha frente e mal-humorado a trilha pavimentada, chamando à medida que entrávamos no jardim:

– Joseph, leve o cavalo do senhor Lockwood e traga um pouco de vinho.

“Eis aqui toda a criadagem” era o que sugeria essa dupla ordem. Não é de se espantar que a grama cresce por entre os paralelepípedos e o gado seja o único jardineiro.

Joseph era idoso, ou melhor, um homem velho, muito velho, talvez, apesar de forte e robusto.

– Que Deus nos ajude! – monologou ele, baixinho, e com um tom de irritado desagrado, conforme me desembaraçava de meu cavalo. Enquanto isso, ficou me encarando com tanta amargura que eu caridosamente conjecturei que ele precisava de ajuda divina para poder digerir seu almoço, e sua exclamação piedosa não se referia à minha chegada inesperada.

Morro dos Ventos Uivantes era o nome da residência do senhor Heathcliff. “Uivante” era um adjetivo provinciano significativo, que descrevia a confusão atmosférica à qual aquela região estava exposta em dias de tempestade. Lá, de fato, devem soprar o tempo todo ventos puros e revigorantes. Pode-se adivinhar a força do vento norte soprando sobre a propriedade por causa do ângulo excessivo de inclinação de alguns abetos atrofiados na parte de trás da casa; e por uma série de espinheiros cujos galhos se esticavam todos na mesma direção, como se ávidos por uma esmola do sol. Felizmente o arquiteto anteviu o fato de que a construção deveria ser resistente: as estreitas janelas estavam bem embutidas nas paredes, e as esquinas eram protegidas por pedregulhos salientes.

Antes de passarmos pela soleira, parei para admirar uma quantidade de entalhes grotescos que prodigavam na fachada da frente, principalmente em volta da porta principal; acima dela, entre uma vastidão de grifos que ruíam e menininhos sem-vergonha, reparei na data de “1500” e no nome “Hareton Earnshaw”. Eu, em geral, teria feito alguns comentários e pedido que o rude proprietário me contasse uma

versão resumida da história da casa. Mas a atitude dele à porta parecia exigir uma entrada rápida de minha parte, ou a minha partida sumária, e eu não tencionava agravar sua impaciência antes de examinar o interior da casa.

A primeira parada foi na sala de estar da família, para a qual não havia vestíbulo ou corredor de entrada; aqui eles a chamam, preferencialmente, de “a casa”. Ela normalmente inclui cozinha e sala, mas creio que, no Morro dos Ventos Uivantes, a cozinha fora forçada a bater em retirada para outra parte. Pelo menos pude distinguir o tagarelar de línguas, o tilintar de utensílios de cozinha, vindos bem de dentro da casa, e não vi sinal de assados ou cozidos na enorme lareira nem sequer um brilho de panelas de cobre e de estanho nas paredes. Na verdade, uma das extremidades refletia esplendidamente tanto a luz quanto o calor de fileiras de enormes pratos de estanho, intercaladas por jarras de prata e canecas também de estanho, elevando-se, fileira atrás de fileira, num imenso aparador de carvalho, até o teto. Este jamais fora revestido com ripas de madeira ou argamassa; toda a sua anatomia estava exposta a olhos curiosos, exceto no ponto em que uma moldura de madeira carregada de tortas de aveia e montanhas de pernis de carneiro, vaca e presuntos a tapava. Sobre a lareira, havia uma série de armas antigas e de aspecto raivoso e um par de pistolas de cavaleiro; e, como ornamento, três potes de metal pintados com cores chamativas, dispostos na beirada. O piso era liso, de pedra branca; as cadeiras, com encostos altos, estruturas primitivas, pintadas de verde; uma ou duas cadeiras pesadas e pretas espreitavam à sombra. Em um arco sob o aparador, repousava uma enorme cadela perdigueira cor de fígado, rodeada por um enxame de filhotinhos que soltavam latidos estridentes; e outros cachorros assombravam outros vãos.

O aposento e os móveis não pareceriam extraordinários se pertencessem a um prosaico fazendeiro nortista, de semblante obstinado e membros fortes, realçados por calções na altura do joelho e polainas. Tal indivíduo, sentado em sua poltrona, com uma caneca com cerveja espumando sobre a mesa redonda diante de si, pode ser visto em qualquer passeio de oito ou dez quilômetros por entre essas colinas, caso você faça a visita no momento certo, depois do almoço. Mas o senhor

Heathcliff contrastava de modo singular com seu lar e seu estilo de vida. Ele tem o aspecto físico de um cigano de pele escura e os modos e os trajes de um cavalheiro. Quer dizer, cavalheiro como o são muitos rapazes do interior: muito desalinhado, talvez, mas sem parecer descabido em sua negligência, pois tem um corpo ereto, bonito e deveras taciturno. Alguns possivelmente suspeitariam de que ele tinha certo grau de orgulho malcriado. Eu tenho um fio interno de empatia que me diz que não é nada disso; sei, por instinto, que o caráter reservado dele vem de uma aversão a demonstrações ostensivas de sentimentos... manifestações de cordialidade mútua. Ele é capaz de amar e odiar às escondidas com a mesma intensidade e considerar uma espécie de impertinência ser amado ou odiado em troca. Não, estou avançando rápido demais, estou atribuindo a ele muito livremente as minhas próprias características. O senhor Heathcliff talvez tenha motivos diferentes dos meus para não entender a mão quando encontra um possível conhecido. Deixe-me nutrir a esperança de que meu caráter é quase estranho: minha querida mãe dizia que eu jamais deveria ter nascido em um lar bastante confortável; e foi apenas no verão passado que fui dar provas de realmente não merecer isso.

Enquanto desfrutava de um mês de clima bom à beira-mar, vi-me na companhia da mais fascinante criatura: uma verdadeira deusa aos meus olhos, mas sem que ela reparasse em mim. Jamais “declarei meu amor” em voz alta; ainda assim, se as expressões faciais são uma linguagem, o mais simplório idiota teria adivinhado que eu estava caído por ela: por fim, ela me compreendeu e devolveu um olhar, o mais doce de todos os olhares concebíveis. E o que eu fiz? Confesso, constrangido: retraí-me com frieza, como um caramujo; a cada olhar de soslaio, retraía-me com mais frieza e mais profundamente; até que, por fim, a pobre inocente foi levada a duvidar de seus próprios sentidos, e, asoberbada pela confusão diante de seu presumido equívoco, convenceu a mãe a levantar acampamento. Com essa curiosa reviravolta de temperamento, ganhei a reputação de ter uma crueldade proposital; e apenas eu posso estimar como isso é uma injustiça.

Tomei assento em uma das extremidades da soleira de pedra da lareira, de frente para meu senhorio, que vinha em minha direção, e

preenchi um intervalo silencioso tentando acariciar a cadela que era mãe e que havia deixado sua ninhada e estava se esgueirando como se fosse uma loba por trás das minhas pernas, com os lábios arreganhados e os dentes brancos ansiando por uma mordida. Meu carinho provocou um rosar longo e gutural.

– É melhor deixar a cadela em paz – rosou em unísono o senhor Heathcliff, contendo demonstrações mais ferozes com pisoteadas no chão. – Ela não está acostumada a ser mimada... Ela não é um animal de estimação. – Em seguida, indo a passos largos para uma porta lateral, ele tornou a gritar: – Joseph!

Joseph resmungou algo ininteligível das profundezas do porão, mas não deu nenhum indício de estar subindo; então, seu amo mergulhou em direção a ele, deixando-me *vis-à-vis* com a cadela brutal e um par de pastores ingleses peludos e lúgubres, que juntos vigilavam com zelo cada um dos meus movimentos. Sem ansiar entrar em contato com suas presas, fiquei sentado imóvel; mas, imaginando que eles decerto não compreenderiam insultos tácitos, eu infelizmente me entreguei a piscar e fazer caretas para o trio, e alguma contorção de minha fisionomia irritou tanto a senhora que ela, de repente, teve um acesso de fúria e saltou nos meus joelhos. Atirei-a para trás e me apressei para interpor a mesa entre nós. Este procedimento agitou toda a “colmeia”: meia dúzia de demônios de quatro patas, de variados tamanhos e idades, saíram de tocas ocultas em direção ao alvo comum. Meus calcanhares e a barra do meu sobretudo foram especialmente atacados; e, afastando os combatentes maiores de maneira tão eficaz quanto eu podia com o atizador da lareira, fui obrigado a solicitar, em voz alta, a assistência de alguém da casa para restabelecer a paz.

O senhor Heathcliff e seu laçao subiram os degraus do porão com uma fleuma fastidiosa. Não acho que eles tenham se movido um segundo mais rápido do que o normal, apesar de a lareira ter se transformado em uma completa tempestade de preocupações e ganidos. Felizmente, um habitante da cozinha foi mais despachado: uma dama robusta, com o vestido arregaçado, braços nus e bochechas coradas se apressou em direção a nós brandindo uma frigideira, e ela usou essa arma, e sua língua, com tamanho propósito que a tempestade arrefeceu como por

mágica e restou apenas ela, arquejando como o mar depois de um vento forte, quando seu amo entrou em cena.

– Que diabos é o problema? – perguntou ele, observando-me de um modo que eu mal podia suportar, depois de tratamento tão inospitaleiro.

– De fato, que diabos...! – murmurei. – Uma vara de suínos posuídos não poderia ter um temperamento pior do que aqueles seus animais, senhor. É quase como deixar os desconhecidos com um bando de tigres!

– Eles não se metem com pessoas que não tocam em nada – comentou, colocando a garrafa diante de mim e rearrumando a mesa deslocada. – Os cachorros fazem bem em ser vigilantes. Quer uma taça de vinho?

– Não, obrigado.

– O senhor não foi mordido, foi?

– Se eu tivesse, teria deixado meu sinete marcado no mordedor. – O semblante de Heathcliff relaxou, e ele deu um sorriso escancarado.

– Calma, calma – disse ele. – Está nervoso, senhor Lockwood. Tome um pouco de vinho. Visitas são tão excessivamente raras nesta casa que eu e meus cachorros, estou disposto a admitir, quase não sabemos como recebê-las. À sua saúde, senhor?

Fiz uma mesura e devolvi o brinde, começando a perceber que seria uma tolice ficar sentado emburrado por causa do mau comportamento de uma matilha de vira-latas. Além disso, sentia-me relutante em proporcionar ao camarada mais diversão à minha custa, visto que seu humor havia melhorado. Ele – provavelmente influenciado pela consideração prudente da loucura de ofender um bom inquilino – abandonou o estilo lacônico de suprimir os pronomes e verbos auxiliares e começou a falar de um assunto que presumiu que me interessaria: um discurso sobre as vantagens e desvantagens do meu presente local de retiro. Achei-o bastante inteligente nos tópicos que abordamos; e, antes que eu fosse para casa, senti-me disposto a dizer que voltaria no dia seguinte para outra visita. Ele, claramente, não desejava que minha intrusão se repetisse. De todo modo, farei a visita. É impressionante como eu me sinto sociável se comparado a ele.

CAPÍTULO 2

Ontem, a tarde ficou nebulosa e fria. Eu meio que estava decidido a passá-la à beira da lareira do escritório, em vez de vadear por matagais e lamaçais em direção ao Morro dos Ventos Uivantes. Subindo as escadas depois do almoço (eu almoço entre meio-dia e uma hora; a governanta, uma senhora de aspecto matronal, herdada como um móvel embutido junto com a casa, não podia, ou se recusava, compreender meu pedido para ser servido às cinco), com essa intenção preguiçosa, e entrando no cômodo, deparei-me com uma criada ajoelhada e rodeada de escovas e baldes para carvão, levantando uma poeira infernal à medida que apagava as chamas da lareira com montes de cinzas. Esse espetáculo fez-me mudar de ideia imediatamente; peguei meu chapéu e, depois de uma caminhada de mais de seis quilômetros, cheguei ao portão do jardim do senhor Heathcliff bem a tempo de escapar dos primeiros flocos plumosos de uma nevasca.

Naquele cume desolador, a terra estava dura por causa de uma geada enegrecida, e o ar fez com que cada membro do meu corpo tremesse de frio. Incapaz de soltar a corrente, saltei o portão, subi pelo caminho de paralelepípedos ladeado por groselheiras e bati na porta em vão para que me deixassem entrar, até que os nós dos meus dedos arderam e os cães uivaram.

– Seus malditos reclusos! – exclamei mentalmente. – Vocês merecem o isolamento perpétuo da espécie por conta da grosseria e da falta de hospitalidade. Eu, pelo menos, jamais trancaria as portas durante o dia. Não me importa. Vou entrar! – Assim resoluto, agarrei a aldraba e sacudi-a com veemência. A cara azeda de Joseph projetou-se de uma das janelas redondas do celeiro.

– Por que o senhor está aqui? – gritou ele. – O amo está no curral das ovelhas. Dê a volta por trás do torno se quiser falar com ele.

– Não há ninguém dentro da casa para abrir a porta para mim? – gritei em resposta.

– Não há ninguém além da senhora; e ela não vai abrir a porta, mesmo que o senhor continue fazendo esse barulho horrível a noite toda.

– E por quê? Você não pode dizer a ela quem eu sou, hein, Joseph?

– Eu não! Não vou me meter nisso... – murmurou, balançando a cabeça, e desapareceu em seguida.

A nevasca começou a engrossar. Agarrei a maçaneta para ensaiar uma nova tentativa, quando um rapaz sem casaco, levando um forçado nos ombros, apareceu no jardim. Ele acenou para que eu o seguisse, e, depois de marcharmos por uma lavanderia e por uma área pavimentada contendo uma carvoeira, uma bomba de água e um pombal, por fim chegamos ao enorme, quente e alegre aposento em que eu fora recebido da última vez. Ele resplandecia maravilhosamente com o fulgor de uma imensa fogueira composta de carvão, torrões de turfa e lenha; e, próximo à mesa, que estava posta para uma lauta ceia, fiquei satisfeito ao observar a “senhora”, um ser humano de cuja existência eu jamais teria antes suspeitado. Fiz uma mesura e esperei, pensando que ela pediria que eu me sentasse. Ela olhou para mim, inclinando-se para trás em sua cadeira, e permaneceu imóvel e muda.

– Que tempo ruim! – comentei. – Receio, senhora Heathcliff, que a porta teve de sofrer as consequências do serviço ocioso de seus criados. Custei muito para fazer com que eles me escutassem bater.

Ela sequer abriu a boca. Fiquei encarando-a, e ela também. De todo modo, ela fixou o olhar em mim de um jeito calmo e indiferente, extremamente constrangedor e desagradável.

– Sente-se – disse, bruscamente, o rapaz. – Ele estará aqui dentro em breve.

Eu obedeci; e pigarreei, e chamei a malvada Juno, que se dignou, neste segundo encontro, apenas a mover a pontinha do rabo, como reconhecimento de que já me havia sido apresentada.

– Que belo animal! – reiniciei. – A senhora pretende dar os filhotes para adoção?

– Eles não são meus – replicou a amigável anfitriã, de um modo mais repelente do que o próprio Heathcliff poderia ter respondido.

– Então estes são os favoritos da senhora? – prossegui, virando-me para uma estranha almofada com uma estampa repleta do que pareciam ser gatos.

– Uma escolha estranha de favoritos – observou ela, com desdém. Infelizmente, era um monte de coelhos mortos. Pigarreei outra vez e me aproximei da lareira, repetindo meu comentário sobre o mau tempo.

– O senhor não deveria ter saído de casa – falou ela, levantando-se e retirando de cima da moldura da lareira duas latas pintadas.

A posição em que ela estava antes era encoberta pela sombra; agora, eu podia ver bem seu corpo e seu semblante. Ela era esguia e aparentava mal haver saído da adolescência. Tinha formas admiráveis e o mais lindo rostinho que eu já tive o prazer de contemplar; feições pequenas e pele muito branca; cachos loiros, ou melhor, dourados, pendendo frouxos em seu pescoço delicado; e seus olhos, se eles tivessem uma expressão agradável, isso teria sido irresistível. Felizmente, para meu coração suscetível, o único sentimento que eles demonstravam era algo entre desdém e um tipo de desespero, que era singularmente não natural de ser detectado ali. As latas estavam quase fora do alcance dela; fiz menção de ajudá-la; ela se virou para mim do mesmo modo que um avarento se viraria caso alguém tentasse ajudá-lo a contar seu ouro.

– Eu não quero sua ajuda – disparou ela. – Eu mesma posso pegá-las.

– Perdoe-me! – respondi apressadamente.

– O senhor foi convidado para o chá da tarde? – indagou ela, amarrando um avental sobre seu elegante vestido preto, e com uma colher cheia de folhas de chá sobre a chaleira.

– Eu ficaria feliz de tomar uma xícara – respondi.

– O senhor foi convidado? – repetiu ela.

– Não – falei, ensaiando um sorriso. – A senhora é a pessoa adequada para me convidar.

Ela devolveu o chá para a lata, com colher e tudo, e voltou emburrada para sua cadeira, com a testa franzida e o lábio inferior estendido, como uma criança prestes a chorar.

Enquanto isso, o rapaz havia jogado sobre o próprio corpo um paletó esfarrapado, e, levantando-se em frente ao fogo da lareira, olhou-me de soslaio por cima do ombro como se houvesse uma rivalidade mortal ainda por ser vingada entre nós. Comecei a duvidar se ele era um criado. Suas roupas e discursos eram grosseiros, totalmente desprovidos da superioridade observável no senhor e na senhora Heathcliff; seus cachos castanhos e cheios eram ásperos e precisavam de um corte, as suíças desciam e espalhavam-se por suas bochechas, e suas mãos eram encardidas como as de um trabalhador comum. Ainda assim, seu comportamento era livre, quase arrogante, e ele não demonstrava nada da diligência de um empregado doméstico em servir a senhora da casa. Na ausência de provas claras de sua condição, decidi que seria melhor me abster de reparar em sua conduta curiosa; e, cinco minutos depois, a entrada de Heathcliff aliviou, em certa medida, meu estado incômodo.

– Como vê, senhor, eu vim até aqui, conforme prometido! – exclamei assumindo um ar alegre. – E temo que ficarei preso aqui por conta do clima por mais meia hora, se o senhor puder me abrigar neste intervalo de tempo.

– Meia hora? – disse ele, sacudindo os flocos brancos das suas roupas. – Pergunto-me por que o senhor escolheu justo o momento em que caía uma nevasca pesada para passear por aí. O senhor sabe que corre o risco de se perder nos pântanos? Pessoas que conhecem esses brejos muitas vezes saem de suas trilhas em fins de tarde como este; e posso lhe dizer que não há possibilidade de que o tempo mude agora.

– Talvez algum dos seus rapazes possa servir-me de guia, e ele pode ficar na granja até a manhã. O senhor pode me ceder um?

– Não, não posso.

– Não me diga! Bem, então vou ter de confiar em minha própria sagacidade.

– Humpf!

– Você vai fazer o chá ou não? – perguntou ele para o homem de casaco esfarrapado, direcionando seu olhar de fúria de mim para a jovem senhora.

– E *ele* vai tomar chá também? – indagou ela, acudindo a Heathcliff.

– Apronte logo esse chá, está bem? – foi a resposta dita de modo tão violento que eu levei um susto. O tom com que as palavras foram

ditas revelou uma verdadeira natureza ruim. Eu já não me sentia inclinado a chamar Heathcliff de camarada excelente. Quando terminaram os preparativos, ele me convidou:

– Agora, senhor, traga sua cadeira para a frente. – E todos, inclusive o jovem rústico, sentamo-nos em volta da mesa. Um silêncio austero prevaleceu enquanto fazíamos nossa refeição.

Eu pensei que, se havia sido eu a causar o mal-estar, era meu dever fazer um esforço para dissipá-lo. Eles não podiam se sentar todos os dias tão emburrados e taciturnos; e era impossível, por mais mal-humorados que fossem, que o cenho franzido que eles estampavam fosse seu semblante cotidiano.

– É estranho... – comecei, no intervalo entre terminar uma xícara de chá e ser servido outra vez – ... como os hábitos podem moldar nossos estados de espírito e nossas ideias. Muitos seriam incapazes de conceber a existência da felicidade em uma vida de completo exílio do mundo como a que o senhor vive, senhor Heathcliff. Ainda assim, vou me arriscar a dizer que, rodeado por sua família, e com uma agradável senhora como o gênio que comanda seu lar e seu coração...

– Minha agradável senhora! – interrompeu ele, estampando uma careta quase diabólica. – Onde está... a minha agradável senhora?

– A senhora Heathcliff, sua esposa, quero dizer.

– Bem, sim... Oh, o senhor está insinuando que o espírito dela assumiu o posto de anjo da guarda e zela pelo destino do Morro dos Ventos Uivantes, até mesmo quando seu corpo já não estiver entre nós? É isso?

Percebendo a minha gafe, tentei corrigi-la. Eu deveria ter reparado que havia uma diferença de idade grande demais entre as partes para que houvesse alguma probabilidade de que fossem marido e mulher. Um tinha cerca de quarenta anos, um período de vigor mental no qual os homens raramente alimentam a ilusão de que as garotas se casam com eles por amor. Esse sonho é reservado para o divertimento de nossos anos de declínio. A outra não parecia ter dezessete anos.

Então me veio um vislumbre: o palhaço ao meu lado, que está tomando chá de uma bacia e comendo seu pão com as mãos sujas, talvez seja o marido dela, Heathcliff Júnior, claro. Eis a consequência de ser enterrada viva: ela se desgraçou com esse sujeito bruto por pura ignorância de que havia indivíduos melhores! Uma triste pena; devo ter